

## Nossos Índios, Nossa Gente

Heitor Fábregas

190  
Uma chuvinha impertinente acompanhada de um vento gelado, não permitiu que continuássemos a preparar uns canteiros para o transplante de mudas na nossa pequena horta. Dias assim, são sempre melhor aproveitados para ler, tomar alguns apontamentos e rever velhos papéis que escaparam das traças, um dos insetos daninhos dentre quase setecentas mil espécies diferentes que possuímos. O leitor certamente conhece o *Lepisma saccharum*, a famosa traça que quase sempre encontramos nas habitações úmidas, fazendo estragos no guarda-roupa ou nas estantes, nas bibliotecas; roendo o papel, destruindo os livros, apreciadoras que são do amido com que é feita a goma, elemento que entra na encadernação.

Hoje, com o tempo instável, aproveitamos o dia para reer um livro muito interessante sobre a natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros. O autor, naturalista e sábio Karl Frederico Philippe Von Martius publicou-o em 1844, o Professor Pirajá da Silva traduziu-o em 1931 e a Editora Nacional lançou a segunda Edição no Ano Internacional da Criança, 1979.

Neste momento em que surgem tantos problemas com eles, mal compreendidos, perseguidos, abandonados, injustiçados, vale a pena ler essa valiosa contribuição, para melhor conhecimento do índio brasileiro cujas nações vão desaparecendo muito rapidamente pelas modificações impostas com alterações das suas vidas, como dizia o sábio Von Martius: "os brasis mostram-se logo incomodados e aborrecidos por tudo que os afete de modo contrário à sua vida anterior; em breve definham em consequência de profunda melancolia e desespero em que se acham; perdem o apetite e agilidade dos membros, caem num abatimento geral". Von Martius que viajou através de todo o Brasil, muita coisa observou alertando-nos, porém, o massacre continuou e continua. Os intrusos insistem no propósito de extingui-los totalmente os donos da terra! Mas não é nossa intenção opinar, apreciar e discutir o problema. Há pelo menos uma repartição incumbida de zelar pelo bem estar do índio brasileiro, defendendo seus direitos, o que deve estar sendo feito pela FUNAI.

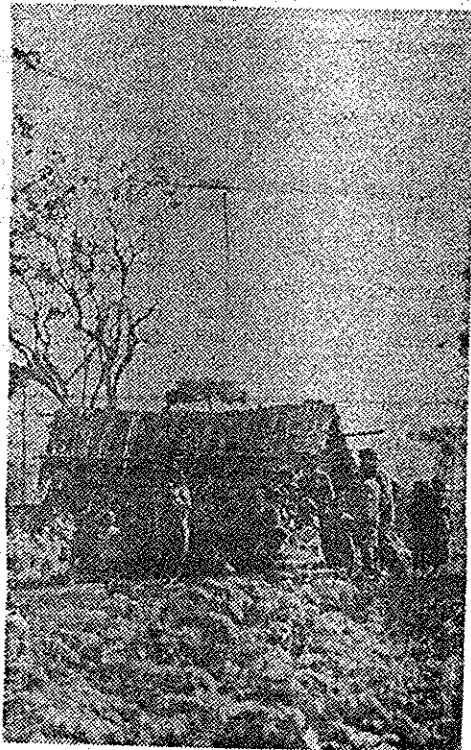
No momento, temos a impressão que o cacique Juruna tem exagerado nas suas entrevistas. Está bem brasileiro o índio dando entrevistas, promovendo comícios, soltando ameaças. Vai escrever um livro! Os índios, os verdadeiros, querem sossego e distância dos brancos.

Há muita coisa de interesse no livro que acabamos de ler. Já no fim, chamou nossa atenção a parte que tratava da medicina, seus remédios e processos de curas, vamos pois comentar ligeiramente o que nos ficou das últimas páginas, aproveitando este restinho do espaço. Sem nenhum conhecimento científico, o índio possuía e ainda possui vindo de épocas distantes, valiosas experiências que a nossa medicina jamais se interessou em verificá-las. No ano de 1799 havia no Brasil 12 médicos diplomados e estes jamais se interessaram pelos remédios indígenas que passaram para o receituário dos barbeiros, das velhas comadres, dos curandeiros e autodidatas da medicina. Apesar da legião de médicos que possuímos hoje, o resultado de muitas práticas usadas pelos índios não foram pesquisadas cientificamente, quer como remédios do reino vegetal, animal ou mineral, conforme afirma Von Martius. Mas, de um modo geral, são aplicados ainda hoje, desde as raspas de chifre de veado, gordura de tartaruga, pele de raposa até a simples folha de abacate ou "pau cura tudo", sementes, cascas, folhas, raízes que nos dias atuais estão sendo mais solicitadas por interesse de certas empresas que já andam cortejando a flora brasileira na intenção de explorar os brasileiros. Estudos científicos ligados a esse material, ainda não existem e são poucas as tentativas de realizá-lo. O exame de um doente exige do pagé minuciosa inspeção em todo o corpo feito por palpitações e toques. "O pulso é tomado na artéria temporal". Nesses exames o índio quase sempre se queixa de dor no coração, mesmo quando o mal se acha nas

extremidades, diz Von Martius, estendendo-se à toda família com as perguntas mais desinteressantes. Sério, sacode o maracá que consiste numa cabaça enfeitada de penas e garras de animais, cheia de pedrinhas miudas destinadas a fazer ruído. Diz o autor que esse instrumento tem a mesma significação entre nós, da bengala com castão de ouro, nas mãos do venerável membro da faculdade, preocupado em exigir respeito. O maracá, é símbolo da dignidade e da força mágica. Nos ferimentos o pagé médico da tribo, coloca a boca sobre a ferida sugando-a com força, cuspiendo o que sugou pisando-o no chão.

"As vezes cospe besouros, vermes ou espinhos; mostra-os aos pacientes e parentes afirmando-lhes que, removida a causa, o doente deverá melhorar logo! Como vemos, o brasileiro mesmo que não fosse pagé, sempre saberia dar uma de mágico, haja visto o charlatão de hoje que coleciona areias e pedrinhas extraídas da vesícula, bexiga etc, exibindo-as aos parentes da vítima, sempre com sucesso. Afirma Von Martius que o pagé às vezes lança mão de outros processos de cura, o exorcismo por exemplo, que aliás hoje parece estar em moda, havendo até especialistas em espantar demônios. Gesticulando raivoso, bate na cama do doente ou na rede, fuma charuto, profere toda sorte de ameaças para afugentar o espírito mau. Nos preparados feitos pelo pagé, médico ou feiticeiro, entram cabelos, cinzas, ossos e sangue. Segundo Von Martius, ele é mais um feiticeiro iludido por si mesmo que um astuto embusteiro. O paciente é um tímido, estúpido e confiante. Como vemos, as coisas não se modificaram muito nestes quase quinhentos anos. O feiticeiro, o "mão santa", o predestinado, todos andam de mãos dadas por este mundo, principalmente entre os brasileiros de hoje que não possuem a inocência e honestidade do índio.

Os que nos cercam não passam de vadios ignorantes, analfabetos, audaciosos, repletos de vícios, sobressaindo o alcoolismo. Curam o sol na cabeça com um copo de água e orações; removem dermatoses graves, os "cobreiros", com saliva de boi esfregada sobre a pele ou tinta de escrever; apressam a cicatrização de feridas valendo-se da língua dos cães para lambê-las, resolvem as hemorragias com teia de aranha, pó de café e açúcar. Servem-se de uma terapêutica que não é aquela do índio brasileiro e com ela contribuem para aumentar as filas do INAMPS, onde os atuais pagés não usam maracás de penas coloridas. Usam o estetoscópio pendurado ao pescoço, significando a mesma bengala de castão de ouro que, segundo Von Martius nas mãos do venerável facultativo impõe respeito, como símbolo da dignidade e da força mágica.



Incompreendidos os índios vão sendo dizimados pouco a pouco pela ansia material do branco e pelo seu progresso desumano.